

VICTORIA NULAND, FALCÃO NEOCON, ASCENDE A VICE-SECRETÁRIA DE ESTADO INTERINA

Por Connor Echols*



A então subsecretária de Estado para Assuntos Políticos, Victoria Nuland, durante audiência do Comitê de Relações Exteriores do Senado sobre a Ucrânia em 8 de março de 2022 (Kevin Dietsch/Getty Images).

Ela fez tanto quanto pôde para azedar os laços EUA-Rússia; agora, é, ao menos temporariamente, uma das principais diplomatas de Washington.

Em um movimento pouco comentado, o governo Biden anunciou na segunda-feira que Victoria Nuland assumirá interinamente o cargo de segunda em comando do Departamento de Estado, substituindo Wendy Sherman, que vai se aposentar.

A nomeação de Nuland será uma benção para os falcões anti-Rússia que querem aumentar a pressão sobre o Kremlin. Mas, para aqueles que defendem um fim negociado para o conflito na Ucrânia, uma promoção para a notória “diplomata não diplomática” será uma pílula amarga.

Cabem alguns lembretes. Quando Nuland estava servindo no governo Obama, ela teve um telefonema vazado agora infame com o embaixador dos EUA na Ucrânia. Enquanto a Revolta de Maidan agitava o país, a dupla de diplomatas americanos discutiu conversas com líderes da oposição, e Nuland expressou apoio para colocar Arseniy Yatsenyuk no poder (Yatsenyuk se tornaria primeiro-ministro no final daquele mês, depois que o ex-presidente pró-Rússia, Viktor Yanukovych, fugiu do país.) Em um momento memorável do telefonema, Nuland disse “Foda-se a UE” em resposta à postura mais branda da Europa sobre os protestos.

A controvérsia em torno do telefonema – e as implicações maiores do envolvimento dos EUA na deposição de Yanukovych – aumentou as tensões com a Rússia e contribuiu para a decisão do presidente russo, Vladimir Putin, de tomar

a Crimeia e apoiar uma insurgência no leste da Ucrânia. A distribuição de bolinhos aos manifestantes em Kiev provavelmente também não ajudou. Nuland, junto com o “czar de sanções” do Departamento de Estado, Daniel Fried, liderou o esforço para punir Putin por meio de sanções. Um funcionário do Estado teria perguntado a Fried se “os russos percebem que as duas pessoas mais duras em todo o governo dos EUA estão agora em posição de ir atrás deles?”

As inclinações agressivas de Nuland continuaram depois que ela deixou o governo Obama. Em 2020, ela escreveu um ensaio de Relações Exteriores intitulado *Pinning Down Putin*, no qual pedia uma expansão permanente das bases da OTAN no flanco leste da aliança, um movimento que certamente aumentaria as tensões entre os Estados Unidos e a Rússia. Como observei anteriormente, Nuland também se opôs à ideia de uma “substituição gratuita do Novo START” – o único acordo restante que limita os estoques de armas nucleares de Washington e Moscou – quando estava previsto para expirar em 2021.

Desde que voltou ao Departamento de Estado sob o comando do presidente Joe Biden, ela mostrou pouco interesse em uma virada pacifista. Em uma entrevista no início deste ano, Nuland chamou Putin de “autocrata do século 19” e justificou os ataques ucranianos na Crimeia, que a Rússia chamou de linha vermelha. “Se não [derrotarmos Putin], todos os outros autocratas deste planeta vão tentar arrancar pedaços de países e desestabilizar a ordem que nos manteve seguros e prósperos por décadas e décadas”, argumentou ela.

Recapitulando, Nuland 1) esteve supostamente envolvida em uma conspiração para derrubar o presidente da Ucrânia, 2) esteve definitivamente por trás de um regime de sanções estritas contra as autoridades russas e 3) nunca suavizou suas posições superagressivas desde então. Com as tensões EUA-Rússia em seu ponto mais alto em décadas, deve haver poucas dúvidas sobre como sua nomeação seria recebida em Moscou.

Há, claro, algum motivo para esperança. No comunicado anunciando a aposentadoria de Sherman, o governo não deixou claro se Nuland seria indicada para assumir formalmente o cargo de vice-secretária de Estado. “Biden pediu a Victoria Nuland para servir como vice-secretária interina até que nosso próximo vice-secretário seja confirmado”, diz o comunicado. Isso deixa alguma razão para acreditar que há oposição interna à sua indicação ou que o governo tem outra pessoa em mente.

Por enquanto, podemos apenas esperar e assistir como Kiev luta para retomar território por meio de sua fatídica contraofensiva no leste. “Em um mês, avançamos apenas um quilômetro e meio”, disse um médico ucraniano ao *Kiev Post*. “Avançamos centímetros, mas não acho que valha a pena todos os recursos humanos e materiais que gastamos.”

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Connor Echols é repórter do Responsible Statecraft. Anteriormente, foi editor associado da Nonzero Foundation, onde co-escrevia um boletim informativo semanal sobre política externa. Echols concluiu recentemente uma bolsa de estudos no Centro de Estudos Árabes no Exterior em Amã, na Jordânia, e recebeu seu diploma de bacharel pela Northwestern University, onde estudou jornalismo e Estudos do Oriente Médio e Norte da África.*
